

CONVERSAS E VERSOS ENTRE SONS E CIÊNCIA

Ana Paula CAMELO¹

RESUMO: A proposta deste texto é apresentar uma conversa inicial que tenho buscado construir com duas temáticas que, dentro da pesquisa de mestrado *Imagens-escritas (feitas) de sons: Ouvindo as Bio-tecno-logias de Rua* (financiada pela Fapesp), vêm ganhando potência no encontro com pensamentos-desejos de uma divulgação científica sonora que quer experimentar sons e palavras num convite à sensação, a algo que vá além da representação das biotecnologias, das ciências: “Rádio Alice” (1986) e “Rádio Radical” (Murray Schafer, 1997). De que forma esse encontro se faz potente? (Ins)piração? (Im)possibilidades? Desejo de uma divulgação científica que se quer experiência, movimento estético e político por meios dos sons.

Palavras-chave: Divulgação científica, Rádio Alice, Rádio Radical, Estética

ABSTRACT: The purpose of this paper is to present an initial conversation that I've been seeking to build with two themes that, within the research project “Written-images (made) of sounds: Listening to the street's Bio-techno-logies (financed by Fapesp), have been gaining power in the meeting with thoughts-desires to experience a sound scientific dissemination that wants to experiment sounds and words in an invitation to feel, to something that goes beyond the representation of biotechnologies, sciences, the senses through sounds: “Radio Alice” (1986) and “Radio Radical” (Murray Schafer, 1997). How does this meeting is powerful? Inspiration? (Im)possibilities? A wish of scientific diffusion which wants itself as experience, political and aesthetic movement through sounds.

Keywords: Scientific diffusion, Radio Alice, Radio Radical, Aesthetics

A busca pela (re)criação da ideia de rádio, sobretudo na perspectiva da divulgação científica – um rádio que divulga, mas que também se permite a um divagar, sem pedir permissão para tal, que quer multiplicar, dispersar sentidos, que aposta no potencial da sinestesia, da sonoplastia e da participação do ouvinte na construção da informação e do conhecimento, que quer estimular outras formas de ver, ouvir, pensar e sentir as ciências, as biotecnologias, e por que não a própria divulgação científica – em muitos pontos se encontrou com questionamentos e proposições levantadas pela ideia de uma Rádio Radical, nos moldes que pensou Murray Schafer em um ensaio publicado em 1987, e pela Rádio Alice (Bolonha, 1976) que, apesar de ter tido um período tão curto de atividade, nos ajuda a pensar o que pode a linguagem, a criatividade, “uma rádio como hipótese: 'mensagens, massagens, mentiras’”. (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p. 87). A seguir exponho como essas iniciativas (teóricas e práticas) ajudam-me a pensar um dos meus problemas de pesquisa: a invenção de

¹ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa. Mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação dos professores Drs. Carlos Vogt e Susana Oliveira Dias. Financiamento: Fapesp. E-mail: apc.camelo@gmail.com

imagens-escritas (feitas) de sons. Problema que nasceu a partir da minha participação nos projetos *Biotecnologias de rua, Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo e Um lance de dados: jogar/poemar por entre bios, tecnos e logias*, projetos desenvolvidos por um equipe multidisciplinar do Labjor e da Faculdade de Educação da Unicamp e que

apostam na arte como canal de subjetivação capaz de movimentar e tensionar aspectos e discursos comumente ausentes da divulgação científica. Criando percursos por entre imagens, sons, vídeos e textos que propiciem um navegar caótico pelas biotecnologias, em que atravessamentos e digressões arrastam células-tronco, clonagem, transgênicos e reprodução assistida para as margens, lançando-os para fora das fixações dos conhecimentos, sensações, vozes e silêncios em determinados e privilegiados espaços/tempos da contemporaneidade (ANDRADE *et al.*, 2008).

1 – Com quem (con)verso

1.1 - Rádio Alice

O desejo de con-versar com a Rádio Alice (Bolonha, 1976), considerada a mais importante rádio do movimento de rádios livres (e sobre o qual falarei mais à frente também) vem, inicialmente, da sua opção pela “recusa de assumir uma postura político-partidária definida nos termos convencionais e por trazer à discussão pública temas considerados malditos como o corpo, o desejo, o prazer e a preguiça”, além de sua opção por incorporar, misturar, valores estéticos com ações políticas (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p.69).

No livro, *Rádios livres: a reforma agrária no ar* (1987), seus autores, além de reunirem na obra documentos, textos teóricos e depoimentos de pessoas ligadas ao movimento das rádios livres, muito compartilham sobre a Rádio Alice. Uma rádio que, segundo eles, era “uma combinação de citações literárias, de música clássica, diálogos sem estrutura, linguagem desenfreada e reportagens dentro de acontecimentos diversos, tais como greves, ocupação de lugares, manifestações e festas. O sentido é o de Alice no país das maravilhas, no qual é cultivado o absurdo (CUNHA, 2005, p. 03). Uma forma encontrada por seus articuladores para subverter o ritmo e a forma com que as informações políticas eram produzidas e difundidas pelas várias instâncias de poder.



Figura 1: Maurício disse: "Alice tem uma história, mas não tem memória, mas eu fiz, eu me lembro de muitas coisas..."
Imagem do site oficial da Rádio Alice

As palavras pronunciadas na primeira transmissão da Rádio Alice nos permitem sentir isso: “Rádio Alice emite: música, notícias, jardins amplos, conversações, invenções, descobrimentos, receitas, horóscopos, filtros mágicos, amor, partes de guerra, fotografias, mensagens, massagens e mentiras” (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p.69).

Alice vai em busca do que é *menor*, sabendo que a sociedade conspira contra a própria capacidade de interpretá-lo. Alice rejeita o termômetro tipo ideal para detectar a manifestação de classe. Ela sai à cata, um pouco às cegas, do absurdo da linguagem. Alice se recusa a assumir um papel maior, oferecer seus serviços à palavra do Estado, dar a palavra oficial, a palavra dominante das metáforas, o jogo das palavras. Recusa o sonho da maioria dos pequenos coletivos e se propõe a criar um dever-ser menor: saber escutar, saber guardar e não falar, impulso no ponto de fuga, velocidade da luz para se afastar das metáforas, metamorfosear. Ser estranha em sua própria língua. (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p.89-90).

Em que momentos a Rádio Alice se encontra com a minha pesquisa, ou a minha pesquisa se observa dentro do que foi a Rádio Alice?

O encontro com essa experiência-rádio me possibilitou acreditar ainda mais na aposta de programas de divulgação científica que, por suas opções estéticas, não deixam de ser políticos, programas que desejam (trans)passar brechas e versar sobre as biotecnologias por um viés dito não muito comum em termos de divulgação científica, mas que acreditamos ter pertinência e potência como: vida, medida, tempo, dados, acaso, futuro, morte e a própria divulgação dessa ciência.

O meu pensar a experimentação da divulgação científica pelos sons, seja em rádios convencionais ou na internet (web rádios ou podcasts), não vem pela recusa, pela negação do que já vem sendo feito (e, muitas vezes, repetido) em termos de estrutura, temas e estilo dos programas. A minha resistência não se dá totalmente nos moldes da resistência praticada pela Rádio Alice que ora se manifesta como revolta, ora como revolução.

Feitosa (2004), no artigo “Revolução, revolta e resistência: a sabedoria dos surfistas” elucida bem a distinção dessas três palavras que, segundo ele, parecem ser sinônimas, mas não o são. A hipótese que esse autor levanta é a de que “revolução, revolta e resistência são formas diferentes de o homem lidar com seu destino mortal, maneiras diferentes de 'dizer não', enfim, formas diferentes de lidar com os muros da política” (p.18). “Revolucionar pressupõe dizer sim incondicionalmente a um destino, revoltar-se pressupõe dizer um não incondicional a toda forma de destino. As retóricas da revolução e da revolta visam à liberdade, mas ambas contêm elementos que desmobilizam e enfraquecem a liberdade humana” (FEITOSA, 2004, p. 25).

Apesar disso, em vários momentos, acredito que a Rádio Alice também compartilha a ideia de resistência apresentada por esse mesmo autor, e que me interessa ao pensar na minha pesquisa: não uma resistência como é comumente pensada e empregada, resistência pela oposição, contra algo ou alguém. Estamos falando de uma resistência que pela própria etimologia da palavra significa “re-existir”, “literalmente uma insistência no estar, no existir, enfim a qualidade de quem demonstra firmeza, persistência, de quem afirma sua diferença” (p. 25). Feitosa sugere um outro significado para a palavra resistir no seu encontro com Nietzsche e Deleuze: “re-insistir”. “Resistência como uma forma especial de enfrentar o poder, de dizer não e sim, de agir conforme a liberdade de lidar com a morte e com os muros da política” (p. 26).

Quando os articuladores da Rádio Alice interrompiam a transmissão de informações políticas consideradas produtivas e buscavam subverter o fluxo de “produção e de circulação dos signos emitidos pelas várias instâncias do poder” (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p.69), dando voz ao vivo aos seus ouvintes, que se encontravam em manifestações e outros momentos políticos, resistiam sem se opor, reinventavam formas, ritmos, enfrentavam o poder.

Meu encontro com a Rádio Alice nessa questão vem da intenção, do desejo de trazer à tona discussões que envolvem as biotecnologias, mas por outras vertentes, outros caminhos, que também vão além das escolhas, das abordagens convencionais na divulgação científica ao tratar das biotecnologias.

Como foi comentado anteriormente, a Rádio Alice tinha por opção declarada abordar, em meio à suas ações e transmissões políticas, temas como o corpo, o desejo, a preguiça. Essa sua opção estética, que não deixa de ser política, me instiga muito. Por que não combinar citações literárias, música, diálogos, reportagens dentro de acontecimentos diversos para pensar as biotecnologias, o acaso, os dados, os bancos de dados, a vida, a morte, a divulgação científica? Se eu busco nessa pesquisa uma experimentação sonora e escrita, por meio da linguagem, por que não “promover as misturas mais inesperadas” (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p.69) e deixar as pessoas falarem por elas mesmas, contar e recontar suas próprias notícias, as suas inquietações, suas dúvidas, suas respostas, suas notícias, sem intermediários, ajudando a movimentar a nossa rádio, como fazia Alice?

Em março de 1977, Bolonha foi palco de uma crise sem precedentes no âmbito das universidades, cujo resultado foi um confronto violento com os policiais enviados pelo prefeito comunista, com saldo de um morto e inúmeros feridos. Alice desempenhou um papel estratégico nesse conflito, “transversalizando” de alto a baixo o Movimento, com notícias ao vivo enviadas por telefone diretamente pelos estudantes envolvidos (p.70).

A 11 de março de 1977, durante uma emissão da Rádio Alice, um ouvinte interrompe o programa para descrever, de seu apartamento, o combate entre a polícia e manifestantes (estudantes). O relato desse ouvinte – um caricaturista chamado Bonvi sem vínculo partidário algum – lembra o calor do radialista de futebol quando seu time está em campo (p.92).

Alice é considerada uma das principais referências do movimento das Rádios Livres, um movimento que começou na Itália, em 1975, com o objetivo de escapar do monopólio estatal das telecomunicações por meio de emissões de rádio ilegais ou não autorizadas. A Wikipedia define as rádios livres como “‘meios alternativos de informação’, nem estatal-institucional, nem privado-comercial”, um tipo de emissora desvinculada de partidos políticos, entidades religiosas, órgãos estatais ou grupos de interesses comerciais.

1.2 - Rádio Radical

A escolha por falar e estabelecer con-versas também com a ideia de Rádio Radical, concebida pelo compositor, educador e pesquisador canadense Raymond Murray Schafer e publicada inicialmente em um ensaio no ano de 1987, vem, sobretudo, do interesse e (ins)piração na sua proposta de valorização dos ruídos e dos silêncios, de pulsar em novos ritmos a divulgação das ciências através dos sons; vem do desejo de rádio com arte; vem no questionamento, levantado pelo autor, sobre a “tirania do relógio” no nosso sistema de radiodifusão e sobre o fato de que o rádio reflete a organização da sociedade atual, que prima

pela satisfação de uma máxima produção e um máximo consumo. Uma situação, um cenário que se mantém, eu acrescentaria – de forma intensificada –, apesar da distância temporal entre a publicação do ensaio e os dias atuais. A divulgação científica nesse meio é atingida da mesma forma que os demais segmentos, sejam eles esportivos, de entretenimento, jornalísticos etc. Segundo Schafer, “os teoremas da transmissão radiofônica, endossados por todas as programações modernas” surgiram com a invenção do rádio propriamente dito do século XX. Estes teoremas seriam representados por dois modelos de transmissão: um modelo político, bem exemplificado pelo autor através da figura de Hitler e que é fruto da ambição pelo poder, e o modelo iluminista, gerado em oposição ao primeiro, um veículo de entretenimento como o próprio Schafer diz.

Para questionar essa subordinação temporal e econômica à qual está submetido o rádio e mostrar sua inquietação quanto a isso, logo no começo do ensaio, Schafer apresenta alguns exercícios que costumava propor a seus alunos na universidade e que chamam atenção.

Imagine que você é um visitante de outro planeta e que a sua espaçonave lhe permite sobrevoar a Terra tão de perto que é possível captar as ondas de rádio norte-americanas durante vinte e quatro horas; conte-me em seguida tudo que aprendeu sobre os norte-americanos”. Você pode imaginar resultados. Eles são obcecados pelo odor do corpo. Sua cor favorita é o extrabranco e seu divertimento favorito é tentar prever o tempo. Eles se vestem com couraças e se deslocam sobre rodas. Sua religião toma a forma de uma cerimônia, na qual uma relíquia sagrada é perseguida dentro de um campo por facções oponentes. E por aí vai. Vamos nos tornar antropólogos por um certo tempo e perguntar o que teria acontecido se o rádio tivesse sido inventado por outra pessoa. Suponhamos que a tribo dos Lendau da África Central o tivessem inventado, será que eles teriam transmitido a dança da chuva? (Mas isto só aconteceria em épocas de seca). Ou na hipótese de que os egípcios tivessem inventado o rádio, será que eles teriam transmitido o Festival de Osíris em Abido? (Mas este programa ficaria no ar sem interrupções durante vários dias). Ou na hipótese de que os bernardinos de Martin Verga o tivessem inventado, será que eles teriam transmitido os cânticos das matinas? (Mas isto ocorreria no meio da noite). Os ritmos de outras sociedades são bem diferentes dos nossos. A radiodifusão ocidental é tiranizada por um instrumento que aceitamos como inviolável: o relógio.

Em contrapartida a esse quadro, Schafer aposta que “ritmos radiofônicos alternativos” podem estar mais próximos do que imaginamos. Pensar em quais seriam esses ritmos, o que eles poderiam nos instigar diante da intenção desta pesquisa de criação de um rádio enquanto artefato de divulgação científica que quer explorar e extrapolar as potencialidades de múltiplas linguagens e as interfaces entre ciência, arte e filosofia na comunicação da ciência; que aposta numa divulgação científica enquanto divagação, multiplicação e dispersão de

sentidos e sensações; que tenta escapar à obrigação explicativa e de representação insistentemente adotada (repetida) pelo discurso da divulgação científica.

Os ritmos do rádio estão sempre mudando. Os padrões rítmicos ditam a satisfação; nunca o contrário. Se você conseguir colocar sua ideia em uma pílula de três minutos, você poderá vendê-la para o rádio; se não conseguir, desista. Esta brevidade dá forma ao tratamento de todo o material, produzindo o que John Leonard chamou de “guincho monótono” do rádio contemporâneo: “Ao invés de histórias, opiniões enlatadas; ao invés de discussões, sirenes; ao invés de tristeza, detalhes repulsivos; ao invés de jogos, respiração ofegante e punhos”. A limitação não é técnica, mas cultural, já que tecnicamente o sinal de rádio é contínuo e pode ser modulado na forma desejada.

Não é à toa que em *Rádio Radical* Schafer deixa claro seu desejo de explorar a potência dos sons e das falas das pessoas, envolvendo ativamente os ouvintes como forma de reestruturar o rádio, de forma bem semelhante ao que fazia a Rádio Alice.

Se os ouvintes passarem a desempenhar um papel importante na reestruturação do rádio, a eles deve ser permitido participar da escolha dos assuntos a serem discutidos. Eles não devem ser intimidados e manipulados por locutores escorregadios. Na Holanda, por exemplo, Willem de Ridder opera um programa de rádio no qual qualquer ouvinte pode trazer uma fita cassete sobre um assunto de sua escolha que ela irá ao ar. A variedade é estonteante e estimulante. De maneira parecida, sempre pensei em colocar microfones em restaurantes, clubes ou qualquer outro lugar onde as *pessoas se reúnam para* trocar ideias. Os resultados poderiam ser revigorantes. Numa reunião da *Tupperware* de uma cidade pequena, num chá beneficente feminino, na hora do recreio quando estudantes de segundo grau se reúnem para fumar escondido, num banco de praça onde os mendigos matam o tempo, numa loja de implementos agrícolas onde os fazendeiros se encontram; isto sem um locutor que fique direcionando os pensamentos das pessoas. Estas e outras milhões de situações produziriam um material muito mais interessante do que as opiniões solicitadas aos ouvintes sobre assuntos do dia. Isto também é tecnicamente possível. O único empecilho é a arrogância dos programadores. A arte é inimiga do tempo presente; ela sempre quer mudá-lo introduzindo outros tempos verbais. Ela altera o mundo observável ao introduzir novos ritmos, esquecidos, ignorados, invisíveis, impossíveis. E se o rádio se tornasse uma forma de arte? Então, seu conteúdo seria totalmente transformado. Ele deixaria de funcionar como escravo da tecnologia das máquinas, mecânica e cronometrada. Deixaria de palpitar conforme os espasmos da produção e do consumo.

A identificação com as críticas e apontamentos feitas por Schafer no ensaio mencionado se torna maior diante da sua escrita que tomo por convite de re-experimentação da escuta:

Consideremos, por exemplo, os festejos prolongados do casamento no interior, o batimento cardíaco daquele que dorme, do nadador ou do corredor de longa distância. Lembremo-nos do ritmo natural das ondas, quebrando-se na areia da praia. Vamos medir o tempo que dura a neve derretendo, a lua minguando; vamos voltar a prestar atenção aos sons dos pássaros, dos sapos e dos insetos em contraponto. Vamos conhecer tudo isso e quando o rádio moderno começar a decair, estaremos prontos para mudar a pulsação do mundo ocidental. Você pode argumentar que esses ritmos não pertencem ao domínio do rádio; mas eles pertencem a ele tanto quanto pertencem os ritmos hiperbiológicos. Se o rádio moderno super estimula, os ritmos naturais poderiam ajudar a injetar bem-estar físico e mental novamente no nosso sangue”.

2. Versejar entre sons, ciências

A forma encontrada para experimentar tantas ideias e desejos dentro do projeto de pesquisa “Imagens-escritas feitas de sons: Ouvindo as bio-tecnologias de rua” foi através de oficinas junto aos mais variados públicos, nos mais variados espaços. Alguns desses momentos se dariam no contexto escolar junto a professores e alunos.

A intenção é de que, nesses encontros, possa-se experimentar a invenção, a criação de programas conjuntamente, programas que nos ajudem a pensar (ainda mais) a divulgação científica, as biotecnologias, o rádio, as relações entre eles, as possibilidades dos sons, do ruído e do silêncio, das palavras escritas, faladas ou simplesmente pensadas.

Dentre os conceitos pensados para se investir nesses momentos está o de esquizofonia, cunhado por Schafer e apresentado no seu livro *Ouvindo pensante*. Com a intenção de remeter à ideia de uma palavra nervosa, relacionado-a com a esquizofrenia, no sentido de aberração e drama, o autor criou esse termo que se refere a um rompimento entre o som e sua transmissão (o grego *schizo*, separado, e *phono*, som), “à possibilidade de dissociar o som de seu espaço-tempo de produção e reprodução acústica” (VALENTE, 2003, p. 32).

Com o advento das mídias, uma obra musical pode, a princípio, soar em qualquer espaço e nas circunstâncias as mais diversas. Em consequência disso, o ritual de escuta pulveriza-se. Até o surgimento da esquizofonia, a existência do som restringia-se ao limite do espaço acústico que o objeto sonoro poderia cobrir: o grito, o instrumento musical (o tambor, a trompa do correio), o sino da igreja. O advento da esquizofonia fez com que o tambor e a voz alcançassem o céu e se multiplicassem, espargindo-se por todo o planeta até tomá-lo, no final do século, integralmente e em tempo real.

Ações e intervenções do artista Frédéric Lavoie são inspiradoras nesse sentido. Segundo palavras do próprio artista (tradução livre):

Eu produzo narrativas visuais e sonoras que mostram a minha preocupação a respeito da coexistência dos seres humanos e objetos em um espaço que é "vivido em". Meus trabalhos, (...) manipulam dados espaço-temporais e visam questionar o ponto de vista do espectador e as suas expectativas perceptuais. Isso produz situações onde a realidade é, às vezes, construídos, retorcida ainda assim plausível. Minha pesquisa também lida com a capacidade individual de inventar novas maneiras de ser (em) no espaço que é "vivido em". Como estão nossos relacionamentos de coabitação organizados e tornados possível dentro do espaço que nos rodeia? Tento apresentar respostas a esta questão através de narrativas que desconstroem e reorganizam maneiras de "viver" em um determinado espaço. Através de imagens e sons modificados, apresento organismos no âmbito da representação videográfica com a esperança de produzir encontros ou um contexto singular que permita a presença simultânea de indivíduos / personagens na tela (Site do artista²).

A temática a ser discutida perpassa a divulgação científica e as biotecnologias, mas buscam ir além, por isso foram eleitos temas como o acaso e os (bancos de) dados para movimentar as primeiras experimentações concretas dos programas. Nesses encontros serão abordados ainda, não somente a técnica, a parte operacional com softwares e aparatos de gravação e edição de som, mas também discussões pertinentes ao projeto, à divulgação científica e aos sons de uma forma geral, potentes dentro e fora da sala de aula. Encontros que se desejam arte, educação, ciência, política, resistência e comunicação.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Elenise *et al.* **CyBlogs: divagam divulgam bio-tecno-logias?** 7#ART – 7º. Encontro internacional de Arte e Tecnologia. *Anais*. Brasília, out. 2008. Disponível em: <http://arte.unb.br/7art/textos/eleniseall.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2010.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. **A Era Pós-Mídia Desenhada nas Rádios Livres: o Pensamento de Félix Guattari**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/17699>>. Acesso: 11 mar. 2010.

NICSNEWS. **Paisagem Sonora e Ecologia Sonora**. Publicação do NICS – Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora. Ano I nº 2 setembro 2002. Disponível em: <<http://www.nics.unicamp.br/nicsnews/002/reportagem.php>>. Acesso: 11 mar. 2010.

FEITOSA, Charles. **Revolução, revolta e resistência: a sabedoria dos surfistas**. In: Daniel Lins (org.). *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

MACHADO, Arlindo (autor); MAGRI, Caio (co-aut.); MASAGÃO, Marcelo (co-aut.). **Rádios livres: a reforma agrária no ar**. 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

² Versão original em inglês disponível em: <http://www.fredericlavoie.net/textes.html>.

PORTO, Regina. **A poética do som: utopia e constelações**. In: Rádio nova: constelações da radiofonia contemporânea, n° 2. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO: Publique,1997, págs.15 a 26.

SCHAFER, Murray R. **Rádio radical**. In: Rádio nova: constelações da radiofonia contemporânea, n° 2, Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique,1997, págs.27 a 40.

VALENTE, Heloísa de Araújo Duarte. **A canção na mídia: ouvidos e olvidos**. **Caderno de resumos – Fórum Centro de Linguagem Musical, 2000. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/cos/clm/forum/heloisa.htm>>**. Acesso: 11 mar. 2010.

RÁDIO LIVRE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2010. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=R%C3%A1dio_livre&oldid=18872193>. Acesso em: 11 mar. 2010.

ZAREMBA, Lilian. **Idéia de Rádio: entre olhos e ouvidos**. In: Rádio nova: constelações da radiofonia contemporânea, n° 3, Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique,1999, págs. 31 a 52.